

Roteiro - Episódio 02

Nilda e a casa

[VINHETA DE ABERTURA]

Esse é o segundo episódio do podcast As Histórias não Contadas do Cococi. Eu sou Jayanne Rodrigues. E agora você vai conhecer a história de vida de Nilda, uma das únicas moradoras da vila do Cococi.

[[LIGAÇÃO](#) - 01'33'' a 01'55'']

"Oi, Nilda, bom dia! Como é que cê tá? Aqui é Jayanne, acho que cê não vai lembrar muito de mim não. A gente se conheceu no começo do ano, Rejane me levou aí... Ah, pronto, sua memória é muito boa!"

Visitei Nilda uns 10 meses antes desse telefonema. Culpa da pandemia ter demorado tanto pra gente se encontrar de novo. Mas desliguei a chamada satisfeita, combinamos de tomar um café na casa dela um dia depois dessa ligação, era novembro, véspera do dia dos finados. Eu só não sabia que muitas atribulações tinham acontecido nesse intervalo de tempo.

[[Sonora Rejane na casa de Nilda](#) - 06'33'' a 06'45'']

"Nilda? ~~Boa tarde!~~ Aqui é grande, né? Aqui é, é uma casa medonha. Se sente, mulher. Essa moça quer conversar um pouquinho com você..."

Nilda é quase da minha altura, deve ter um metro e sessenta, por aí. Quando cheguei em sua casa, ela usava um vestido preto e solto, os cabelos escuros recém tingidos ainda deixavam escapar os fios brancos. Esse detalhe era o motivo dela esbravejar a inexperiência da sobrinha em pintar cabelos. Depois desse desabafo, Nilda me convidou pra sentar na varanda. O dia estava quente, e o céu anunciava que tinha chuva chegando.

[SOM DO RÁDIO]

[[SONORA NILDA - GRAVAÇÃO 17](#) | 12'55'' a 13'15'']

"De primeira eu gostava de dançar, tá com mais de 12 anos que eu não danço. E é promessa, Nilda? É não, mais nunca. Mais nunca eu dancei. Nem vou festa, só aqui no Cococi, tem as festas que eu tô, tem forró aí nas barracas, sempre fazia forró aí..."

Esse assunto sobre dança surgiu do nada no meio da conversa. Mas essa revelação feita por Nilda é bem importante, dá pra compreender um pouco o atual momento da vida dela.

Uma coisa é certa: Nilda sempre tentou preservar sua história pessoal. Te digo isso porque ela já deu muita entrevista por aí, mas a conversa se limitava apenas ao fato dela ser uma das únicas pessoas que vive na sede do Cococi. Escuta só:

[[SONORA ENTREVISTA](#) - 01'27'' a 01'32'']

"Estamos aqui ao lado de Dona Clemilda, ela que é uma das duas famílias que moram aqui."

[[SONORA RECORD](#) - 07'25'' a 07'31'']

"Tudo bom, Dona Clemilda? Licença aqui, vou sentar aqui pra conversar com a senhora. É verdade que a senhora mora sozinha aqui?"

[[08'31'' a 08'38''](#)]

"O que que a senhora Dona Clemilda, sente mais falta? Muita gente que eu conhecia já não convive mais no mei da gente, né, já se foi."

Mas escutar ela de perto e sem pressa ganhou outro sentido.

A história de Nilda começa bem antes dos olhares que a observam como uma atração exótica do Cococi. Ela nasceu na comunidade Serra de Dentro. Morou por lá até os cinco anos de idade, com as duas irmãs, quando seus pais decidiram ir embora para Cococi, que ficava a quatro quilômetros de distância.

Naquele momento, ela sofreu a primeira ruptura. A irmã caçula, ficou para trás, aos cuidados do avô. Pois era muito pequena e ainda não ficava sozinha na

garupa de um cavalo, principal meio de transporte da época.

[[Sonora Nilda](#) - 01'47'' a 01'51'']

"Quando a gente é criança a gente lembra mais das coisas do que depois de ficar adulto, né?"

Da infância no Cococi, as memórias ainda são latentes.

[[SONORA CRIANÇAS JOGANDO](#) - 00'18'' a 00'39'']

"Ó, ele é corinthians..."

[[SONORA NILDA](#) - 02'16'' a 02'49'']

"Só tenho lembranças, coisas boas, acredita? Pois me conte! Tudo era mais fácil na época. Tinha muita criança pra gente brincar. A escola era bem, como é que se diz? Bem equipada, muito aluno, professoras boa.

[[NILDA NA ESCOLA](#) - 03'18'' a 03'24'']

"E quando eu me entendi no mundo aqui em Cococi esse colégio já era assim, eu estudei aqui com cinco ano e ele já era desse jeito"

[[SONORA NILDA](#) - 02'43'' a 02'49'']

Tudo que você queria aqui tinha pra você comprar, tinha padaria, tinha bodega pra você comprar alguma coisa que você quisesse.”

Cococi era passagem e morada temporária para a família de Nilda. Essas instabilidades da vida traziam a sensação de impermanência. Não demorou pra acontecer outras mudanças, primeiro foram embora pra Caraíbas, depois Oiti, duas comunidades rurais próximas do Cococi.

A mãe, dona de casa. O pai, vaqueiro. Ele trabalhava para o Major Feitosa, assim como o avô de Nilda. Nascer e morrer vaqueiro era quase uma religião, um modo de vida. Assim como muitos, prestar serviço para os Feitosas era, praticamente, um dos únicos meios para garantir a sobrevivência. Já que a família monopolizava não só a riqueza, mas também a oferta de empregos na região.

A vida se encaminhou, ela voltou a morar com as duas irmãs. E aos 19 anos de idade, Nilda decidiu dar um novo passo: casar.

[[SONORA NILDA](#) - 05'49'' a 05'53'']

“E lá nas Caraíbas eu fiz meus três filhos, lá nas Caraíbas”

Após seis meses do casamento, Jean, seu primeiro filho, nasceu. Depois, Jaiane, minha xará. E em seguida, o caçula, Emanuel. O companheiro de Nilda, Laércio, trabalhava na roça como agricultor e também fazia cerca em propriedades. A demanda da casa e os cuidados com os filhos eram por conta dela.

[[SONORA NILDA](#) - 07'10'' a 07'20'']

"A gente quando casa tem dias que é feliz, mas tem dias que não é não. Que a gente às vezes casa com a pessoa, a pessoa gosta de farra, né, de andar, de festa, deixar a gente com as criança..."

Nilda e Laércio estavam casados há 11 anos, quando um acontecimento mudou repentinamente a vida da família.

[[SONORA NILDA](#) - 06'46'' a 06'53'']

"Quando foi em dezembro de 2001 ele mesmo resolveu tirar a vida dele, aí fiquei com três filho..."

O suicídio de Laércio foi um baque. Nilda se tornou viúva precocemente por imposição infeliz do destino. Ser mãe solo também não era tarefa fácil, as decisões tomadas dali pra frente precisavam garantir a sobrevivência dela e dos três filhos. A coisa certa naquele momento era voltar pro lugar que nasceu, Serra de Dentro.

[[SONORA NILDA](#) - 08'55'' a 09'01'']

"Passei uns tempo em casa sem sair, aí depois meu pai mesmo me aconselhou pra mim sair, pra mim me divertir..."

Esse empurrãozinho do pai funcionou. Nilda retomou o fôlego e seguiu. Mas aquelas mudanças que fizeram parte da sua infância e adolescência ressurgiram.

[[SONORA NILDA](#) - 14'57'' a 15'24'']

"Depois que você possuir uma casa pra você mesmo pra você voltar a morar dentro de casa com a família novamente não é muito fácil e com filho... Eu tinha meus três filho pequeno, aí aquela coisa, o pai tinha falecido, eu não queria que ninguém dissesse nada, era aquela coisa, nem bater neles eu batia que eu não gostava, tinha pena deles. Aí achava bom porque na casa da gente você faz o que você quer, o tempo e a hora que você quiser..."

Anos depois de chegar em Serra de Dentro, decidiu novamente se mudar para Cococi. Ter um espaço só para os filhos era sinônimo de segurança pra Nilda. Ela e os três filhos foram os últimos moradores do casarão do Major Feitosa. Hoje a casa é inabitável, a maioria das paredes já foi ao chão.

Mas não demorou pra família fazer as malas novamente. Foram idas e vindas entre comunidades vizinhas.

[[SONORA NILDA](#) - 09'18'' a 09'26'']

"Eu não gosto assim de sair de perto de minha família pra mim ir pra outro lugar, não gosto não. Já sou muito acostumada por aqui. Aí pra mim se eu sair acho que não me dou, sei lá."

A vida tornou a ser generosa com Nilda. Ela conseguiu um emprego estável como auxiliar de serviço geral na única escola do Cococi. Pela primeira vez, depois de anos, ela sentiu algo parecido com liberdade. Só que o trabalho exigia que ela pegasse a estrada todos os dias. Esse obstáculo motivou o retorno dela ao Cococi.

[[SONORA NILDA 1ª VISITA](#) - 09'18'' a 09'21'']

"Eu sou moradora por acaso, vivo aqui às minhas custas e as de Deus. ~~É. Que eu moro aqui nessa, tá~~ aí a casa já pra cair os pedaços..."

Foi a última mudança que fez. Nilda mora há 12 anos na mesma casa, onde antes funcionava o cartório do Cococi.

A casa fica logo na entrada do distrito, ao lado da igreja. É o lugar de referência pra qualquer pessoa

que visita o Cococi. A estrutura alta, pode ser vista de ponta a ponta. A fachada tem uma porta que dá acesso à sala. E ao lado tem uma varanda, com um portão pequeno enferrujado, com vista privilegiada para as estruturas em ruínas. Na lateral, mais duas janelas e uma porta com passagem para a cozinha.

A residência chama atenção não só pelo tom amarelado desbotado pela chuva e o sol, mas também por ser uma das únicas que mantém o lado de dentro em pé, apesar de respirar os efeitos colaterais do tempo.

[\[11'19'' a 11'23''\]](#)

"Aí é assim. Vai caindo aos poucos porque eu não posso estar comprando nada pra cá, né?"

[\[11'34'' a 11'45''\]](#)

Agora só tem uma coisa: se chegar a cair essa casa rea, pronto! Só fica mesmo Dona Ana e pronto. Eu não vou dizer que eu ir embora daqui se acaba não, mas também fica muito bom mais não..."

Ela compartilha os quase 20 cômodos com o neto Laércio, de 10 anos, filho de Jaiane, a filha do meio.

Ao longo de 12 anos, Nilda reconstruiu a história da casa. Na sala, retratos da família e imagens de santos. As paredes documentam algo especial:

rabiscos ensaiando o rosto de Jesus, corações pintados de esmalte, nomes de amigos, ex-crushes e ídolos dos filhos. Uns móveis mais novos ali, outros mais antigos. E na área da cozinha uma toalha do Ben 10 estendida na parede, ela esconde as bravas rachaduras. O que antes reunia papéis de nascimento, casamentos e procurações. Agora, tem uma nova identidade.

[[SONORA NILDA](#) - 50'56'' a 51'01'']

"Cê me mostra a casa, Nilda? Bora, mulher, olhar essa casona"

[[SONORA NILDA](#) - 00'26'' a 02'30'']

"Meu quarto é esse outro ali que eu durmo. Aqui é você é, Nilda? É no seu casamento? É no meu casamento. É, antigo, cabelo todo revirado, bem novinha. Aqui é o quarto, aqui é a cama que eu durmo, aqui é a de Laércio. Aí vou mandar Jean ajeitar isso aí. Porque aí foi o reboco que caiu. Aí tem esse belo telefone rural aqui que não pega internet. Aí aqui é uma sala. Aqui uma arezinha, aqui outro quarto, tá aí um horror de roupa suja se você quiser vir lavar amanhã, venha. Ixe, deixa pra próxima."

Pois é, morar em uma povoação abandonada nada tem a ver em ter visões paranormais. O cotidiano de Nilda é mais próximo do nosso do que a gente imagina.

Aqui é a cozinha do carvão, tá aqui a cozinha, o fogão de lenha. Ó, Jayanne, o fogão de lenha, tá aí as panelas. E a outra cozinha fogão a gás aí.

Aí cê costuma fazer no fogão a gás ou no a lenha? No de lenha, muié, porque o fogão a gás tá caro demais. Muito! Quanto é que tá aqui, Nilda? Mulher, acho que tá 100 e... Eu troco no parambu acho que tá bem de 140, homem. Aqui é um banheiro antigo, tá cheio de bagaceiro aí que eu vou limpar ainda. Mas quando eles vem, todo mundo toma banho aqui, é o jeito, não tem outro lugar, né? Eu gosto de varrer os terreiro, vou aqui arrumar, mas dá trabalho, hein, Nilda, limpar uma casa desse tamanho. Quando eu tô com coragem e agora carregando água pra beber do Oiti, mais longe ainda...

O local já teve outros moradores, Seu Luís Quililiu foi um deles, conto a história dele no primeiro episódio. A propriedade é herança familiar, hoje pertence aos filhos de Maria do Socorro Paiva Feitosa, ex-dona do cartório do Cococi. Mas o estado agonizante da casa parece ter caído no esquecimento.

[[SONORA NILDA](#) - 00'59'' a 01'13'']

"Jayanne, é triste você ver que nem eu vi aqui no Cococi, aqui tudo tinha casa tanta gente que tinha, minhas avó, meus tio tudo morando por aqui. Hoje tudo acabado, é triste, acabou-se, acabou-se, se acabando"

[SOBE TRILHA]

Pra ela, a vida seguiu relativamente tranquila. Mas vieram algumas saudades, os filhos cresceram e ganharam o mundo. Jaiane foi embora pra Minas Gerais, Jean se casou e foi construir a família em uma comunidade perto do Cococi. Ficou Emanuel, o filho caçula e o neto Laércio.

O destino se encarregou de trazer boas surpresas. Trabalhando há mais de 20 anos na escola Eufrásio Alves Feitosa, Nilda também encontrou um novo amor. Apesar das adversidades, ela estava feliz. Até que algo inesperado atravessou sua vida.

Era uma terça-feira, 1º de junho de 2021, quando chegou a notícia que nenhuma mãe está preparada para receber. Emanuel, filho de Nilda, havia sofrido um acidente grave no local de trabalho. Nilda nunca tinha sentido uma dor daquele tamanho.

Emanuel foi transferido pra um hospital público de Fortaleza. O tempo passava, e Nilda precisava ser rápida pra ir o quanto antes acompanhar a recuperação do filho. Ela recebeu a ajuda de amigos para custear os gastos da viagem, mais de sete horas na estrada. Ela conseguiu ver Emanuel no hospital, mas após uns dias ele não resistiu.

[SOBE TRILHA]

Emanuel faleceu aos 24 anos.

[[NILDA](#) - 12'04'' a 12'17'']

"Ele era uma pessoa alegre, ele gostava de cantar, ele gostava de festa, os meninos gravavam vídeo dele cantando, ele gostava de bater zabumba, triângulo, pandeiro, esses negócio aí tudo ele gostava. E era animado, gostava de cantar em oração, vejo uma música no rádio, eu acho vê ele..."

[[SONORA ZÉ VAQUEIRO](#) - 00'10'' a 00'40'']

"Fica comigo, meu mel. Tire o adeus das mãos. Não me entregue à solidão. Meu mel, porque. Eu preciso de você..."

O fato de seguir sem Emanuel atormenta Nilda. Ela tenta, aos poucos, celebrar a vida dele. Daqui pra frente, comemorar datas especiais sem o filho vai ser uma descoberta doída. Pela primeira vez, ela vai

participar da novena do Cococi sem a presença de Emanuel.

[[NILDA](#) - 30'06'' a 30'19'']

"Aí agora vai ser outra batalha porque se for ter as festas esse ano já vou ficar triste de novo com a falta do meu filho, né? Porque se foi e não volta mais. Mas eu acredito que Deus vai me ajudar e ficar do jeito que é..."

Na última vez que entrevistei Nilda, completava cinco meses da partida de Emanuel. Dali a uns dias, foi o primeiro aniversário dela, depois de 24 anos, sem os parabéns do filho caçula.

[[SONORA NILDA](#) - 43'34'' a 43'48'']

"Emanuel disse: 'mãe, quando a senhora fizer os cinquenta anos eu vou comprar o bolo pra senhora'. Eu digo: tá bom. Aí ele faleceu, aí eu fico dizendo: meu Deus, será se nós compra um meno um bolo do meu aniversário de cinquenta ano? Não tem nada. Ele vai ficar alegre por isso".

Eu perguntei se ela ainda tinha algum sonho. Senti que ali resistia timidamente muita esperança.

[[SONORA NILDA](#) - 31'02'' a 31'19'']

"Eu tenho um desejo na vida de um dia possuir minha casa, minha casa mesmo, porque eu ainda não fiz porque não posso. E eu tenho assim um desejo de melhorar as coisas e um dia eu ser alguma coisa na vida. E você acha que você não é agora não? Não. Por quê? Porque não, acho que ainda tá faltando um bocadinho de coisa..."

A existência de Nilda não é resumida pela história do Cococi. Ser uma das únicas moradoras de lá é apenas um capítulo desses 50 anos de atravessamento.

[[35'44'' a 35'55''](#)]

"Olha, o Laércio, ele tem dez anos. E ele disse que o desejo dele é de ser policial ou trabalhar e 'eu vou trabalhar no Corpo de Bombeiros'. Sabe pra quê? Pra comprar uma casa pra mim. Quem sabe se o sonho dele não vai se realizar?"

Enquanto Laércio não realiza o sonho de Nilda, o lar dela segue sendo a casa do Cococi. Esse episódio é dedicado à memória de Emanuel Lô.

[TRILHA - [MEL ZÉ VAQUEIRO](#) | 01'58'' a 02'25'']

"Meu mel, não diga adeus. Eu tenho tanto medo. De ficar sem o seu amor. E pra sempre. ser um ser só..."

[VINHETA DE ENCERRAMENTO]

No próximo e último episódio, você vai conhecer a potência da fé na vida dos devotos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Cococi.

Essa produção é resultado do trabalho de conclusão de curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro. Eu sou Jayanne Rodrigues. Faço o roteiro e a produção deste trabalho. Edição e mixagem de Pedro Miranda e orientação da professora, Teresa Leonel.